

Manuscrito aceito

A Casa Afrânio do Amaral

The House Afrânio do Amaral

Sergio de Simone¹

¹Arquiteto e pesquisador membro do Laboratório Especial de História da Ciência do Instituto Butantan, especialista em História da Arte e da Cultura pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Campinas – Unicamp.

Av. Vital Brazil, 1500 – Butantan – São Paulo/SP - CEP 05503-900

sergio.simone @butantan.gov.br

Este artigo foi avaliado, revisado por pares e aceito para publicação. Ele está em processo final de publicação e pode sofrer alterações.

O artigo é considerado publicado na edição 14(1) dos Cadernos de História da Ciência e está registrado com o DOI: <https://doi.org/10.47692/cadhistcienc.2020.v14.34749>

Cadernos de História da Ciência
Instituto Butantan

RESUMO

Este artigo discorre sobre a construção da residência do então diretor do Instituto Butantan, o cientista Afrânio do Amaral, erguida entre 1930 e 1931. Procura explicitar os motivos pelos quais foi erguida em relação aos aspectos culturais e arquitetônicos vigentes à época e suas implicações político-institucionais no contexto histórico que vigorou no início dos anos de 1930, em São Paulo. Procura-se identificar as várias razões que motivaram a sua construção, bem como apontar suas raízes artísticas à luz da documentação disponível no Núcleo de Documentação do Instituto Butantan e cotejá-las em relação aos personagens envolvidos, suas implicações familiares, a bibliografia disponível e investigações relativas à passagem de Afrânio por instituições norte-americanas.

ABSTRACT

This article discusses the construction of the residence of the then director of the Butantan Institute, the scientist Afrânio do Amaral, erected between 1930 and 1931. It seeks to explain the reasons for which it was erected in relation to the cultural and architectural aspects in force at the time and its political and institutional implications in the historical context that was in force in the early 1930s in São Paulo. We will seek to identify the various reasons that motivated its construction, as well as seek to point out its artistic roots in the light of the documentation available at the Butantan Institute Documentation Center and compare them with the characters involved, their familiar implications, available bibliography and investigations relating to the passage of Afrânio by US institutions.

Palavras-chave: Arquitetura Neocolonial. Cottage. Instituto Butantan. Afrânio do Amaral. Residências.

Keywords: Neo Colonial Architecture. Cottage. Butantan Institute. Afrânio do Amaral. Residences

Manuscrito aceito

INTRODUÇÃO

Neste período em que se acrescenta mais um ano ao centenário percurso do Instituto Butantan, por iniciativa de alguns dirigentes da instituição as atenções se voltam para o prédio que abrigou a sua direção. Nele, encontram-se referências de seu passado e de determinadas fases, algumas voltadas à Medicina Experimental. Em um desses ciclos, acha-se o período de gestão de Afrânio do Amaral, entre 1928 e 1938, em que o dirigente buscou um novo papel para o Butantan que se coadunasse aos novos contextos políticos e sociais do país. Segundo IBAÑEZ et al (2006), tratava-se do processo de mudança institucional em que o Butantan sofreu alterações profundas em suas atribuições, buscando atender às novas exigências nacionais e ao redirecionamento político de atenção à saúde pública no estado de São Paulo:

Ao ser transformado em Laboratório de Medicina Experimental, em 1931, vincula-se à Secretaria de Educação e Saúde Pública, dedicando-se ao estudo da Patologia Humana, à distribuição de produtos biológicos de aplicação terapêutica ou profilática, além de ser responsável pela instalação e manutenção de postos antiofídicos. Assim como outros institutos paulistas, o Butantan tenta se adaptar a um novo contexto criado pelas transformações na política nacional, reordenação do Estado, alterações do mercado e novos problemas sociais da saúde pública. O nascimento das primeiras universidades paulistas, a vinda de pesquisadores estrangeiros e a criação de uma incipiente indústria privada de produtos farmacêuticos e imunobiológicos fazem parte desse novo contexto. Uma crise institucional conhecida como o 'Caso Butantan' coloca em evidência conflitos de natureza interna que refletiam a busca de uma nova identidade, bem como conflitos de natureza externa, ligados às disputas político-partidárias que antecedem a conflagração, em 1937, do Estado Novo.

Naquele conturbado momento, Afrânio buscou imprimir à sua administração uma nova faceta voltada à conjuntura externa e aos problemas internos. Nas questões materiais, procurou investir em novos equipamentos e adequação dos espaços para a produção e pesquisa. No campo das relações de trabalho, fomentou a construção de postos de saúde, de cooperativas de distribuição de mantimentos, assim como a substituição das precárias e arcaicas moradias dos operários e dos improvisados abrigos de pesquisadores (localizados em cômodos contíguos aos laboratórios) por casas de alvenaria dignas e dotadas de algum conforto (AMARAL, 1933). Para si, decidiu erguer uma habitação solene, sobranceira e vistosa, condigna do ocupante do mais alto posto da instituição, como veremos adiante.

No entanto, resta saber por que razões Afrânio resolveu erguer uma nova moradia para si e sua família, visto que, naquele momento, a chamada antiga sede da Fazenda Butantan ainda servia para essa finalidade; e, em tempos próximos àqueles, o atual Pavilhão Lemos Monteiro também abrigara o dirigente imediatamente anterior, o Dr. Vital Brazil (vide Imagem 01). Quais as justificativas para que sua casa tivesse a imponência de um confortável solar assobradado, e quais seriam as raízes e modelos arquitetônicos, artísticos e opções estéticas que definiram o seu delineado? Em que medida essas escolhas a diferenciava das demais construções do Instituto e a aproximava de outras do mesmo período? Haveria aspiração de registrar uma marca à sua administração e distanciá-la da anterior, sob a batuta de Vital Brazil? Por fim, que intenções plásticas e de

Manuscrito aceito

política institucional havia por detrás desta iniciativa? Muitas são as questões suscitadas pela presença do sobrado no patrimônio construído do Butantan. O presente artigo aspira discutir alguns desses variados aspectos por intermédio da prática arquitetônica do período e tenta elucidar algumas dessas facetas; contudo, sem a pretensão de esgotar o assunto neste limitado estudo.

A seguir, procuramos estabelecer as várias articulações que culminaram no soerguimento da refinada, porém sóbria, construção, e que envolveram a personalidade de Afrânio do Amaral e suas pretensões político-científicas, assim como suas características familiares, as condições geográficas do Butantan e o contexto artístico-arquitetônico do final dos anos 1920 e do início da década seguinte em São Paulo.

“Na minha infância, aos oito anos de idade, na chácara em que vivia minha família, quase fronteira ao bosque municipal do Marco da Légua, surgiu-me, certo dia, a oportunidade de travar conhecimento direto com uma serpente que ali, na língua indígena, é conhecida como *boiuna*. Acompanhado como estava do chacareiro, um tapuia que conhecia o *inhangatu*, a língua nobre, dele ouvi a expressão acima citada – *boiuna*, que significa serpente preta. Esse exemplar foi morto na hora por nós dois e, com o auxílio de terceiros, levado ao Museu Paraense, a cuja frente se encontrava ainda a figura ímpar do seu fundador, o grande Emílio Goeldi. Goeldi já havia trazido para o Brasil a ideia universal da necessidade de se fazer ciência e pesquisa a fim de, não somente, se conhecer a natureza, como, principalmente, se desvendarem os caminhos conducentes à civilização e ao progresso.” (AMARAL, 1977).

AFRÂNIO DO AMARAL

Afrânio Pompílio Bransford do Amaral (Belém do Pará 1894 – São Paulo, 1982), cientista brasileiro, formou-se médico pela Faculdade de Medicina da Bahia (atualmente a escola integra a Universidade Federal da Bahia).¹ Graduou-se em 1916, ocasião em que defendeu tese de doutorado cujo título é “A Bancroftose e a Cirurgia”.² No ano seguinte distinguiu-se como primeiro aluno daquela instituição ao receber o “Prêmio Alfredo Brito”. Em maio de 1920 foi-lhe outorgado o “Prêmio Viagem”, sendo o último a receber a distinção.

Iniciou sua viagem nos Estados Unidos da América em 1923, onde estudou sorologia e soroterapia com o Dr. Willian Park, Diretor do Laboratório de Saúde Pública de Nova Iorque.³ Foi aluno especial da Universidade de Harvard, em Boston, onde realizou cursos de Química Orgânica Experimental, Fisiologia Avançada e Bioquímica, tendo feito pesquisas em Imunologia e Herpetologia. Naquela oportunidade candidatou-se e obteve o título de Doutor em Higiene. Frequentou os Laboratórios da Escola de Saúde Pública da

¹ Quando surgiu em 1808-1809, a escola médica na Bahia chamava-se Escola de Cirurgia da Bahia. Em 1815 houve uma grande reforma e a Escola passou a chamar-se Colégio Médico Cirúrgico da Bahia. Entre 1832 e 1891 a escola foi denominada Faculdade de Medicina da Bahia. (PACHECO, 2007, p. 140)

² Também conhecida como Filariose. Trata-se de doença parasitária crônica causada por vermes nematoides (as filárias).

³ Em 1893 era o Departamento de Saúde e Higiene Mental de Nova York. Expandiu-se e tornou-se o primeiro laboratório municipal nos EUA. Nesse mesmo ano, o bacteriologista William H. Park tornou-se diretor do laboratório. Fonte: Museu Nacional de História Americana - New York City - Coleções de Saúde Pública - Smithsonian Institution. Disponível em: <<https://www.si.edu/spotlight/antibody-initiative/nyc-health-dept>> Consulta em 15 de setembro de 2018.

Manuscrito aceito

Universidade de Harvard - onde chegou a lecionar -, estudando com o Prof. Rosenau.⁴ Também trabalhou com Dr. Barbour⁵, Diretor da Secção de Herpetologia do Museu Harvard. (FORTUNA, 2010, p. 28-32)

Dirigiu o Instituto Butantan em três oportunidades: em 1921; de 1928 a 1938; e de 1953 a 1956. Em 1919 ele ocupou a chefia do departamento de Ofiologia e Zoologia Médica do Instituto. No ano seguinte teve a iniciativa de estudar e descrever um raro espécime de serpente brasileira conhecida como jararaca-ilhoa. Em sua passagem pelos EUA foi cofundador e diretor do *Antivenin Institute of America*, onde realizou estudos, publicou artigos e editou a revista científica da instituição norte-americana. Em 1929 foi capa da revista *Time* e personalidade objeto da matéria intitulada *Snakes*.⁶ Produziu centenas de trabalhos acadêmicos e científicos, além de ter integrado e exercido cargos importantes em órgãos internacionais, tais como consultor da Organização Mundial de Saúde e da Comissão Internacional de Nomenclatura Zoológica.

Manteve relações com importantes intelectuais e cientistas, em que se destacam Monteiro Lobato, Oscar Freire de Carvalho⁷, Afonso d'Escragnolle Taunay⁸, Arthur Neiva⁹ e Manuel Pirajá da Silva¹⁰. Em finais de 1927, ainda no Estados Unidos, em função do alto prestígio de Afrânio e as condições políticas na área da saúde pública paulista, foi convidado a dirigir o Instituto Butantan numa nova fase da entidade voltada à Medicina Experimental.

Casou-se com Lucia Assumpção Bastos do Amaral, com a qual teve duas filhas: Alda e Lilian (falecida). Sua esposa era bisneta de Francisco Antônio de Souza Queiroz (Barão de Sousa Queiroz)¹¹ e sua linhagem provinha da união de influentes famílias da estirpe

⁴ Milton Joseph Rosenau, médico e diretor do Laboratório de Higiene de Boston (1899-1909). Em 1909 o Dr. Rosenau renunciou ao serviço público para ingressar na equipe da Harvard Medical School. Fonte: Almanaque NIH - National Institutes of Health (NIH) - <https://www.nih.gov/about-nih/what-we-do/nih-almanac/milton-joseph-rozenau-md>

⁵ Thomas Barbour, Herpetologista: 1884-1946. Foi curador de herpetologia e diretor do Museu de Zoologia Comparada da Universidade de Harvard. Ele era especialista em zoogeografia e herpetologia de ilhas. Fonte: ReVista – Harvard Review of Latin America. The Herpetology of Cuba Bringing Old Books to Life, By June Carolyn Erlick

⁶ Time Magazine, Jan. 28, 1929.

⁷ Dr. Oscar Freire de Carvalho (1882-1923), médico brasileiro, diplomou-se pela Faculdade de Medicina da Bahia, onde se tornou Catedrático de Medicina Legal. Convidado pelo Dr. Arnaldo Vieira de Carvalho, instalou essa mesma disciplina na Faculdade de Medicina, em São Paulo, que começou a funcionar em 1918.

⁸ Taunay (1876-1958) foi professor, historiador e tradutor. Coursou a Escola Politécnica do Rio de Janeiro, onde se formou em Engenharia Civil em 1900. Foi professor substituto da Escola Politécnica de São Paulo em 1904 e professor catedrático na mesma Escola a partir de 1910. Exerceu inúmeros cargos, dentre eles, o de diretor do Museu Paulista a partir de 1917.

⁹ Artur Neiva (1880-1943) formou-se em medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1903. Discípulo de Oswaldo Cruz, em 1906 passou a trabalhar no Instituto Soroterápico, atualmente Fundação Instituto Oswaldo Cruz. Dirigiu o Serviço Sanitário do Estado de São Paulo. Em seguida, foi diretor do Museu Nacional (1923-1927) e, depois, diretor-superintendente do Instituto Biológico do Estado de São Paulo.

¹⁰ Manuel Augusto Pirajá da Silva (1873-1961) foi um professor e médico especialista em doenças tropicais, além de descobridor e identificador do agente patogênico da esquistossomose. Formou-se em medicina na Bahia em 1896. Estudou no Instituto Pasteur de Paris e no Instituto de Doenças Marítimas e Tropicais de Hamburgo, na Alemanha. Tornou-se professor de Parasitologia na Faculdade de Medicina da Bahia. Em 1935 seguiu para São Paulo, onde dirigiu a Seção de Botânica Médica do Instituto Butantan.

¹¹ O Brigadeiro Luiz Antônio de Souza Macedo e Queiroz (1746-1819). Nascido em Portugal, imigrou ao Brasil e estabeleceu-se na região de Sorocaba. Enriqueceu graças ao transporte de cargas e alimentos para as minas de Cuiabá. Em 1797 casou-se com Genebra Leite de Barros – filha de rica família de proprietários

Manuscrito aceito

bandeirante. Filha de Antônio Carlos de Assumpção, advogado e prócer político dos anos 30 - prefeito de São Paulo logo após a Revolução Constitucionalista de 1932-, seu casamento com Afrânio solidificou o elo deste com a elite paulistana.

Em sua segunda passagem pela direção do Butantan, Afrânio determinou a construção de algumas novas edificações para abrigar técnicos e funcionários do instituto e, dentre elas, a sua própria residência – prédio que atualmente abriga a direção da instituição. A arquitetura da casa, interpretada como moradia campestre – também motivada pelas condições de semi-isolamento do Butantan à época -, foi influenciada pela conjuntura cultural e artística daquele momento e pelas experiências vividas pelo cientista e família em campi universitários norte-americanos, o que resultou num belo exemplar *Cottage* anglo-saxão em São Paulo.

O CASAL ANTONIO CARLOS DE ASSUMPÇÃO E JULIETA DE SOUZA QUEIROZ ASSUMPÇÃO

Para que seja possível entender a residência que Afrânio do Amaral construiu para si e sua família no Instituto Butantan, necessitamos examinar com atenção a origem familiar de sua esposa, que nos parece elemento determinante tanto para a conformação da moradia como para o apoio oferecido a Afrânio pelo grupo político paulista do qual Antônio Carlos de Assumpção, seu sogro, era reputado membro.

Como pudemos constatar, ambos eram oriundos da nata de elite paulista. Julieta descendia de importante e rica família, cujo prestígio vinha desde os tempos do período imperial no Brasil. Os Assumpção, oriundos da região de Itu, eram abonados capitalistas cuja abastança e prestígio deu-se pela atividade comercial e cafeeira a partir da segunda metade dos oitocentos. Assim, foi natural a união entre um promissor empresário e político e uma descendente de nobre família paulista.

Passaremos, então, a examinar detalhes da composição do casal Julieta e Antônio Carlos.

O BACHAREL ANTONIO CARLOS DE ASSUMPÇÃO

Segundo BROTERO (1958, p. 475), Antônio Carlos de Assumpção (1872-1952) era formado em Direito e sua origem tinha raízes “no alto comércio de Santos”; ou seja, era oriundo de família de proprietários de casa comissária de café. Era filho de Domingos Teixeira de Assumpção (1846-1928), natural do município de Tietê (SP), onde a família Assumpção era tradicional no cultivo do café, tendo sido o Sr. Domingos um dos maiores exportadores brasileiros desse produto.¹²

rurais em Itu. De sua prole nasceu Francisco Antônio de Souza Queiroz, o Barão de Souza Queiroz, bisavô de Lúcia de Assumpção, esposa de Afrânio do Amaral.

¹² Verbetes *Travessa Domingos Assumpção, Pinheiros* - cujo o homenageado é Domingos Teixeira de Assumpção (pai de Antonio Carlos) -, encontrado em “Dicionário de Ruas de São Paulo” – DPH/SMC/PMSP Disponível em: < <https://dicionarioderuas.prefeitura.sp.gov.br/> > Consulta em 18 de setembro de 2018.

Manuscrito aceito

Antônio Carlos de Assunção nasceu na cidade paterna, onde iniciou seus estudos e, em seguida, mudou-se para São Paulo. Ingressou na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco em 1891 e bacharelou-se em 1894. Iniciou sua vida de advogado dois anos depois e, em 1898, associado ao irmão Erasmo Teixeira de Assumpção¹³ montou escritório próprio de advocacia. Concomitantemente iniciou atividades comerciais na capital paulista. Transferiu-se para Santos, onde, ainda sócio de seu irmão, organizou a firma Toledo, Assumpção & Cia.¹⁴ Logo depois retornou a São Paulo, onde participou da organização da Bolsa de Mercadorias, a Companhia Armazéns Gerais e a Caixa de Liquidação. Também se dedicou à indústria têxtil ao participar da implantação da Fábrica de Sedas Santa Branca e a Labor Cia. de Tecidos de Algodão. Segundo resumo biográfico consultado¹⁵ foi um dos fundadores da Cia. Paulista de Comércio e Exportação. Exerceu a presidência da Associação Comercial de São Paulo. No governo de Armando Salles de Oliveira foi nomeado prefeito da Capital, “cargo que deixou para ocupar a presidência do Banco do Estado de São Paulo. Trabalhou ativamente durante o movimento Constitucionalista de 1932.”¹⁶

Em suas atividades políticas, Antônio Carlos, entre 1933 e 1934, foi nomeado prefeito de São Paulo pelo interventor federal, o engenheiro Armando de Salles Oliveira.¹⁷ Naquele período, ele e seus irmãos pertenciam à elite econômica e política do país e exerciam grande influência no governo paulista e federal nos anos de 1930. Contudo, a partir de 1936, o grupo paulista, liderados por Salles Oliveira, passou a perder prestígio e poder em virtude das ambições continuístas de Getúlio Vargas. Em novembro de 1937, com apoio

¹³ Erasmo Teixeira de Assumpção (1875-1957) também nasceu em Tietê e bacharelou-se em Direito pela Academia de Direito de São Paulo. Industrial e comerciante, foi um dos fundadores da casa Toledo, Assumpção & Cia, comissária de café, em Santos, da Assumpção, Irmão & Cia. e da firma Exportadores de Café - Assumpção & Cia.. Na vida política foi deputado estadual paulista em várias legislaturas e chegou a ocupar a chefia da Secretaria da Fazenda após 1930. Fonte: Site Grandes Tieteenses. Disponível em: < <http://grandestieteenses.blogspot.com/p/os-doutores.html> > Consulta em 18 de setembro de 2018. Erasmo também foi homenageado com nome de logradouro em São Paulo. Verbetes **Rua Doutor Erasmo Teixeira de Assunção, Butantã**. Fonte: Dicionário de Ruas de SP. Disponível em: <https://dicionarioderuas.prefeitura.sp.gov.br/> > Consulta em 18 de setembro de 2018.

¹⁴ A Toledo, Assumpção & Cia. foi importante casa comissária de café desde que se estabeleceu em Santos (1898). Tinha como sócios: José Augusto de Toledo, Domingos Teixeira de Assumpção, Antônio Carlos de Assumpção (sogro de Afrânio do Amaral) e Erasmo Teixeira Assumpção. A Empresa operava somente com café em consignação. Por volta de 1910 vendia, em média, cerca de 150.000 sacas por ano. Havia também uma sucursal em Campinas (LLOYD, 1913, p. 724).

¹⁵ Verbetes **Rua Doutor Antonio Carlos de Assunção, Jardim Paulista**, cujo o homenageado é Antônio Carlos de Assumpção (sogro de Afrânio do Amaral) -, encontrado em “Dicionário de Ruas de São Paulo” – DPH/SMC/PMSP Disponível em: < <https://dicionarioderuas.prefeitura.sp.gov.br/logradouro/rua-doutor-antonio-carlos-de-assuncao>> Consulta em 18 de setembro de 2018. O logradouro foi oficializado pelo DECRETO nº: 7.715 de 03/10/1968.

¹⁶ Idem, Ibidem. Dicionário de Ruas de SP.

¹⁷ Armando de Salles Oliveira (1887-1945), político, foi engenheiro graduado pela Politécnica de São Paulo. Em virtude da Revolução Constitucionalista de 1932 foi nomeado interventor federal em São Paulo, cargo que exerceu entre agosto de 1933 a abril de 1935, e eleito governador pela Assembleia Constituinte, tendo atuado entre de abril de 1935 a dezembro de 1936. (WIKIPEDIA) Filiado ao Partido Democrático (PD) de São Paulo, participou das articulações que levaram à criação, em princípios de 1932, da Frente Única Paulista (FUP) que, em julho daquele ano, levou à deflagração da Revolução contra o governo de Getúlio Vargas. Casado com Raquel de Mesquita, filha de Júlio de Mesquita, dono do jornal *O Estado de São Paulo*, de quem se tornaria amigo e sócio em diversos empreendimentos. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/armando_salles> consulta em 16 de setembro de 2018.

Manuscrito aceito

militar, Vargas fechou o Congresso Nacional e cancelou as eleições, instituindo a ditadura do Estado Novo.

A derrocada dos paulistas teria reflexos na administração do governo de São Paulo. O fato implicou na interrupção da condução de Afrânio do Amaral frente ao Instituto Butantan por imposição do então deputado estadual Adhemar de Barros¹⁸. Membro de facção contrária ao círculo de Salles Oliveira, Adhemar era uma personagem ambiciosa, habilidosa e oportunista que empreendeu contundente cruzada difamatória contra Afrânio no afã de atingir bruta e seus oponentes. Tornou-se Interventor federal no governo de São Paulo entre 1938 e 1941 e, nesse novo período de exceção política, em consequência dessa campanha e de sua ascensão como supremo mandatário no estado, conseguiu o afastamento de Afrânio da diretoria do Instituto Butantan.

Não foi a mais contundente acusação de Adhemar a Afrânio, mas a construção da residência no Butantan foi objeto de denúncia de desvio de verbas e malversação de recurso público, visto que excedeu, segundo o delator, a quantia destinada para a sua total execução prevista para o ano de 1931. A questão será examinada com maior detalhe mais adiante.

LUCIA DE ASSUMPÇÃO E OS PALACETES DA FAMÍLIA SOUZA QUEIROZ

Lucia de Assumpção, esposa de Afrânio do Amaral, era fruto do matrimônio ocorrido em 1898 de Julieta de Souza Queiroz com o bacharel Antônio Carlos de Assumpção. Portanto, era descendente de Luís Antônio de Souza Queiroz (1746-1819) - conhecido como Brigadeiro Luís Antônio - e de Francisco Antônio de Souza Queiroz, o Barão de Sousa Queiroz¹⁹, rico proprietário rural e integrante da elite política do Império (BROTTERO, 1958, p. 474 e 475).

O seu matrimônio com Afrânio ocorreu em 1925. Antes disso, pertencia à importante e abastada família da nobiliarquia paulista e foi criada com muito conforto, pois era moradora e frequentadora dos palacetes que os Souza Queiroz ergueram na capital paulista, nos Campos Elíseos, Santa Efigênia - neste caso, consorciados à família Pais de Barros, conforme (CAMPOS, 2008)²⁰ -, especialmente na região da Praça da República e Avenida

¹⁸ Ademar Pereira de Barros nasceu em Piracicaba (SP) em 1901. Bacharelou-se médico em 1923. Fixando-se no Rio de Janeiro, trabalhou no Instituto Oswaldo Cruz até a eclosão da Revolução Constitucionalista de 32. Ingressou no Partido Republicano Paulista (PRP) para concorrer às eleições de outubro de 1934 para a Assembleia Constituinte de São Paulo. Eleito, participou em 1935 da Constituição de São Paulo e permaneceu na Câmara Estadual durante a legislatura ordinária subsequente. Em 1936 desligou-se do Executivo estadual para dedicar-se à articulação da sua candidatura para a presidência da República nas eleições previstas para janeiro de 1938. Faleceu em 1969. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/biografias/ademar_de_barros> Consulta em 23 de setembro de 2018.

¹⁹ Francisco Antônio de Souza Queiroz (1806-1891) exerceu cargo de vereador, deputado provincial, deputado geral, senador do Império brasileiro (1848-1889) e presidente interino da Província de São Paulo. Exerceu liderança no Partido Liberal. Como empresário, foi acionista e presidente da Companhia Paulista de Estradas de Ferro. Segundo BROTTERO (1958, p. 441-442), Francisco Antônio era filho de Luís Antônio de Souza Queiroz e de Genebra de Barros Leite (irmã do Barão de Itu e do Barão de Piracicaba). Era irmão do Barão da Limeira - Vicente de Souza Queiroz (1813-1872).

²⁰ Em 1797 a abastada família de Antônio de Barros Penteado casou uma de suas filhas, Genebra de Barros Leite, com o Brigadeiro Luís Antônio de Sousa. Luís Antônio enriquecera no comércio com as minas de Mato

Manuscrito aceito

São Luiz – esta última aberta nas terras do Coronel Luiz Antônio de Souza (seu trisavô) desde a sua subdivisão em lotes para a família Souza Queiroz no século 19 (LEFÈVRE, 2006). Muitos desses palacetes foram projetados e construídos pelo Escritório Técnico Ramos de Azevedo, engenheiro-arquiteto famoso por criar luxuosas moradias e que tinha na família Souza Queiroz cativa clientela. (HOMEM, 2010).

Essa condição nos parece influenciadora na decisão de Afrânio em assumir moradia no Butantan: um novo e amplo sobrado conjugaria o necessário e desejável conforto que Afrânio ajuizava para acomodar sua família. Assim, o modelo seria condizente à sua posição de dirigente da instituição e, ao mesmo tempo, transformando-o em marco do novo padrão institucional que procuraria imprimir à sua administração, distanciando-o e distinguindo-o das anteriores – especialmente no que dizia respeito aos períodos geridos por Vital Brazil, aos quais tinha severa críticas (AMARAL, 1928).

Nessa conjuntura, nos parece compreensível que Afrânio do Amaral buscasse cercar sua família de grau de conforto acima da média, agora instalados no longínquo e quase isolado Instituto Butantan, a partir de 1928. Procuraremos, então, revelar o contexto cultural, os modelos e as influências arquitetônicas que pautaram a construção de residência da família de Amaral no Butantan, consideradas as peculiaridades de sua composição em termos de ascendência e de origem social.

CONJUNTURA DA PRODUÇÃO ARQUITETÔNICA PAULISTA NOS ANOS 1920 -1930

“O ideal em arquitetura doméstica não é a casa de aspecto eternamente novo, reluzente, lustrada, polida... A verdadeira casa é aquela que se harmoniza com o ambiente onde situada está, que tem aquela cor local; aquela que nos convida, que nos atrai e parece dizer-nos: seja bem vindo!” – Lúcio Costa (PINHEIRO, 2011, p. 183)

Durante o século 19, os modelos arquitetônicos que influenciaram a produção paulista derivavam de obras produzidas na Europa. França, Itália, Alemanha, Inglaterra e Áustria eram matrizes que inspiraram a criação da moradia paulistana, como foi o caso da Vila Maria, palacete construído para residência de Dona Veridiana Prado (HOMEM, 2010, p. 97), em meio a outros tantos exemplares. Contudo, na década de 1910 iniciou-se um processo de transferência da matriz cultural da Europa para os Estados Unidos. A metropolização e a verticalização das cidades de Boston, Chicago e Nova York firmam-se como paradigmas da modernidade no Novo Mundo. Como reflexo desse fenômeno, muitos estudantes de arquitetura e engenharia brasileiros, que antes encaminhavam-se para estudos na França, Inglaterra, Itália, Áustria e Bélgica (caso do arquiteto Ramos de Azevedo, entre outros), passaram a procurar ingresso em escolas norte-americanas. Prova disso é a trajetória do arquiteto paulista Christiano Stockler das Neves (1889 – 1982), que se formaria no Instituto de Belas Artes da Universidade da Pensilvânia. Stockler das Neves exerceu importante papel na verticalização do Centro Velho paulistano (Edifício Sampaio

Grosso. Posteriormente, adquiriu vários engenhos de açúcar que passou controlar a partir da cidade de São Paulo, motivo que o levou a acumular uma das maiores fortunas paulista nas duas décadas iniciais do século 20.

Manuscrito aceito

Moreira – 1924), além de ter sido o primeiro diretor da Faculdade de Arquitetura da Universidade Mackenzie (1947) quando esta se separou da escola de engenharia.

Entre as décadas de 1920 e 1930, vogas das vanguardas artísticas européias (Semana de Arte Moderna – 1922) chegavam à capital paulista refletidas nas transformações dos padrões de arquitetura acadêmica e eclética – praticada a partir do último quartel do século 19 - para o período do Entre Guerras, em que novos estilos buscavam expressar a modernidade do novo século. São os casos do *Art Nouveau*, Neocolonial e *Art Déco*. Enquanto o *Art Déco* buscava a simplificação dos motivos, do design geral e do ornamento, o neocolonial, movimento característico das Américas, procurou bases na arquitetura do passado colonial de cada uma das regiões de influência das matrizes, principalmente as portuguesas, espanholas, inglesas e francesas. Em um mundo sob zonas de influência dos grandes impérios, o nacionalismo determinava as afinidades e divergências entre os países. Contudo, o cinema, as revistas e as músicas eram meios de divulgação das novidades, especialmente aquelas veiculadas a partir de Hollywood – uma espécie de nova “Meca” cultural.

Nesses termos, podemos afirmar que dentre todas as influências artísticas que circulavam em São Paulo no início dos anos 30 introduzidas especialmente pelas revistas estrangeiras, no caso da arquitetura, o passado colonial das regiões ao norte dos EUA estava também representado por modelos anglo-saxônicos e pitorescos das casas de campo de planta irregular, cuja volumetria e proporções eram definidas com maior liberdade, sem aprisionar-se à simetria dos alçados tão característico do período eclético. Neste caso, a funcionalidade de cada ambiente passava a ser predominante e suas aberturas eram individualizadas e diversas de acordo com as necessidades. Do ponto de vista estético, a ornamentação foi extremamente simplificada.

As raízes dessa vertente encontravam-se no movimento inglês *Arts and Crafts* liderado por William Morris (1834 – 1896), cujo modelo de *cottage* (“casa de campo”, portanto austera e despojada) foi encomendado ao arquiteto Philip Webb (1831 – 1915), a conhecida *Red House*. Para desvincular-se da estética dos palácios e das regras do neoclassicismo, Webb concebeu as fachadas de tijolos à mostra e a aparência exterior como reflexo das necessidades do interior sem qualquer preocupação com a simetria (PEVSNER, 1980).

O primeiro projeto do arquiteto e urbanista Lúcio Costa (1902-1998) foi a residência do pintor Rodolfo Chamberland no Rio de Janeiro. Nela é possível verificar influências da arquitetura residencial inglesa do século 19 em manifesta repercussão do *Art & Crafts* da Inglaterra. São conhecidas as ligações entre Costa e o Movimento Neocolonial no Brasil por sua aproximação com o pensamento de José Mariano Filho²¹ ainda na década de 1920. Desvenda-se assim, a nosso juízo, a estreita relação entre o Neocolonial praticado no Brasil de cunho barroco e português – semelhante ao que sucedeu na América Espanhola em relação ao chamado estilo *missiones* - e a arquitetura campestre inglesa, o

²¹ José Mariano Carneiro da Cunha Filho (1881-1946) foi médico e historiador da arte. Evidenciou-se como um dos principais ideólogos do movimento de revalorização da arquitetura colonial brasileira. Além de conferências e artigos sobre arte e arquitetura publicados na imprensa do Rio de Janeiro, pugnou em prol da realização de uma série de obras públicas de porte para que fossem executadas com inspiração na arquitetura tradicional brasileira (também conhecida como neocolonial brasileira).

Manuscrito aceito

Cottage, tendo nos Estados Unidos uma manifestação semelhante ao espírito Neocolonial latino-americano.

Essa propensão ao revivalismo romântico e impregnado da ideia de tradição enquanto modernidade, conforme o espírito da época, está estampado na residência que Afrânio mandou construir para si no Butantan. Uma moradia campestre, isolada, envolta por vegetação, em que se buscou reproduzir as tendências de ideias arquitetônicas em circulação naquele período. Segundo nos parece, elegeu aquela que mais se coadunava às suas preferências pessoais, ou seja, algo que se assemelhasse aos prédios das universidades britânicas e particularmente americanas como as que encontrou em sua estadia por Harvard, Cambridge e Smithsonian Institute (vide exemplares nas imagens 18 e 19).

A CASA DE AFRÂNIO

“Considerada como um conjunto, a *Red House* é uma construção surpreendentemente original, com ar espaçoso e sólido e, contudo, absolutamente nada pretencioso. Este é talvez o seu aspecto mais importante. O arquiteto não procura imitar os palácios; ao desenhar, pensa numa classe média razoavelmente próspera, mas não muito rica.” (PEVSNER, 1980, p. 66)

O retorno de Afrânio ao Butantan se deu em momento de imensa notoriedade e prestígio junto às mais altas autoridades do governo paulista. Demonstra isso o telegrama enviado por ele a Waldomiro de Oliveira em 1927, em que exigiu “carta branca para reorganizar a ampliar Butantan” quando ainda estava no exterior, pouco antes de assumir a direção do Instituto. Nesses termos, entre outras iniciativas quanto à acomodação dos setores científicos, resolveu erguer melhores moradias a funcionários do Butantan, visto que muitas delas estavam em péssimas condições de higiene e salubridade (AMARAL, 1933, p. 10). Para si e para acomodar sua família, resolveu construir uma confortável e elegante residência com piscina para banhos recreativos e garagem para o automóvel Studebaker que o governo colocou à sua disposição.

Em 1928, Afrânio tomou a posse oficial como Diretor e estima-se que neste mesmo ano foi feito o primeiro esboço da casa (Imagem 16), tarefa da qual se encarregou o arquiteto Mauro Álvaro de Souza Camargo²², que também projetara o Prédio Central (1910) e o edifício da Cocheira Nova (1914) - atual Museu Biológico -, ambos no Instituto Butantan. Nos últimos, por se tratarem de obras predecessoras, empregou a linguagem *Sezession* derivada do *Art Nouveau* conforme era corrente à época. Percebe-se, no entanto, que o referido desenho da casa de Afrânio apenas serviu de base para o delineado da obra definitiva, pois há sensíveis diferenças entre a planta assinada por Álvaro e ao que foi efetivamente construído. A comparação entre idealização e consumação da obra revela que a versão definitiva tem maior área e aumento do número de cômodos.

No entanto, duas ilustrações (imagens 22 e 23) referentes às fachadas esquerda e posterior da residência encontram-se nos arquivos do Butantan. Estas, com algumas

²² Também conhecido como Mauro Álvaro, apenas.

Manuscrito aceito

alterações, de fato guardam muitas semelhanças com o que está erguido e servindo de sede da Diretoria Técnica. Os desenhos identificados como “Projecto de Residência a Construir-se em Butantan” estão datados de 3 de abril de 1930 – ano em que se iniciou a obra – e assinados por profissionais não identificados. Não se sabe se estes são os autores ou apenas desenhistas que traçaram a versão final do projeto arquitetônico.

Em sua versão final (Imagem 24), o plano, como se pode identificar no traçado das plantas existentes, têm raízes do esquema traçado originalmente por Mauro Álvaro²³, o que nos permite atribuir a ele a autoria do projeto. Neste encontra-se a assinatura do profissional e, pelo programa organizado no desenho, sua conformação geométrica e distribuição dos cômodos – plantas dos pavimentos térreo e superior – é muito similar à planta da solução definitiva (compare-se a Imagem 16 com a Imagem 24). Cotejando-o com a versão final e com a edificação propriamente dita, percebe-se que, inicialmente, era prevista uma construção menor daquela efetivamente construída. No entanto, trata-se do traço que deu base ao produto final: a Casa Afrânio do Amaral. Além disso, como visto, àquela altura Álvaro já havia projetado importantes edifícios do Butantan e era profissional comprovadamente capaz e experiente.

A obra foi concluída em 1931, erguida em meio a um traçado de acesso sinuoso e orgânico próprio dos jardins ingleses e calcados nos princípios das *Garden Cities* idealizadas pelo urbanista inglês Ebenezer Howard (1850 – 1928).²⁴ Essas ideias aportaram em São Paulo por intermédio da Companhia City - empresa fundada em 1912 com o nome de *City of São Paulo Improvements and Freehold Land Company Limited* - e que contratou o trabalho de dois discípulos de Howard, Barry Parker²⁵ e Raymond Unwin²⁶, para projetarem o pioneiro bairro-jardim de São Paulo denominado de Jardim América.

²³ Ao engenheiro-arquiteto Mauro Álvaro é atribuída autoria do projeto da casa em função do desenho encontrado no Centro de Memória do Instituto Butantan (Imagem 16). Nele encontra-se a assinatura deste profissional e pelo programa organizado no desenho, sua conformação geométrica e distribuição dos cômodos – plantas dos pavimentos térreo e superior. Comparando-o com a versão final e a edificação propriamente dita, percebe-se que, inicialmente, previa-se uma construção menor daquela efetivamente construída, mas que se trata do traço que deu base ao produto final, a Casa Afrânio do Amaral.

²⁴ Ebenezer Howard (1850-1928), teórico do urbanismo inglês, é considerado fundador do movimento Cidade-Jardim, que influenciou o planejamento urbano em todo o mundo. Em 1898 publicou sua obra de cunho reformista *Tomorrow: A Peaceful Path to Social Reform*. Em 1902 o livro foi reeditado com o título *Cidades-Jardim do Amanhã*, onde lançou as bases teóricas para a fundação de subúrbios “cidades-jardins” na Inglaterra. Concebeu aglomerações urbanas em meio rural, distante dos poluídos centros urbanos industriais. Foi o idealizador dos primeiros empreendimentos dessa modalidade como, por exemplo, Letchworth (1903) nos arredores de Londres (distrito de Hertfordshire). Fonte: Enciclopédia Britânica. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Ebenezer-Howard>> Consulta em 21 out. 2018.

²⁵ Richard Barry Parker (1867 – 1947), arquiteto e urbanista, estudou no Simmonds Atelier de Arte. Em 1896 associou-se com Raymond Unwin. Em 1903 eles foram convidados a participar da criação de Letchworth, a primeira cidade-Jardim baseada nos princípios de Ebenezer Howard, que esteve pessoalmente envolvido no projeto. Em 1914 a parceria com Unwin foi dissolvida; porém, entre 1917-1919 veio trabalhar em São Paulo, Brasil, no projeto e implantação dos bairros paulistanos Jardim América, Alto da Lapa, Pacaembu e Butantã. Fonte: Enciclopédia Biográfica de Arquitetos Digital. Disponível em: <<http://www.ebad.info/parker-richard-barry>> Consulta em 21 out. 2018.

²⁶ Raymond Unwin (1863-1940), arquiteto e urbanista autodidata, trabalhou na Staveley Iron & Coal Company antes de associar-se a Parker. Em 1909 Unwin publicou importante obra de referência, o livro *Town Planning in Practice*. Entre 1911 e 1914 Unwin ocupou a cadeira de planejamento urbano na Universidade de Birmingham. Fonte: Idem, ibidem.

Manuscrito aceito

Para a residência da família Amaral, Álvaro valeu-se das vertentes consideradas modernizadoras para a época, como era o caso do Neocolonial, em virtude dos valores “nacionais” propugnados no Brasil por Mariano Filho e Ricardo Severo²⁷ (PINHEIRO, 2011).²⁸ Estes, por sua vez, sofreram influências de propostas nacionalistas que circulavam pela Europa nas primeiras décadas do século 20 sob o contexto sociopolítico cultural europeu - período que Eric Hobsbawm denominou de a “Era dos Impérios”²⁹ -, que na prática arquitetônica contrapunha-se ao Neoclassicismo e às vertentes exóticas ou Neorenascentistas do Ecletismo. No caso inglês, essa nova ordem tinha por origem as propostas românticas Neogóticas de John Ruskin e que encontraram em William Morris “um fiel seguidor” (PEVSNER, 1980, p. 29). Desse modo, seja por sugestão de Afrânio, por iniciativa de Álvaro ou ainda pela conjugação das duas opiniões, o *Cottage* - sob nosso ponto de vista - foi eleito como modelo a ser seguido, ancorado na voga neocolonial que se disseminava no Brasil e que se popularizaria na década seguinte.

Nenhum estudo acadêmico no Brasil debruçou-se, até o momento, sobre as questões relacionadas à veiculação dos modelos de *Cottages* que circularam no país e, particularmente, em São Paulo. O exemplar da publicação *LINDSTROM. Cottages and semi-bungalows* (Imagens 06 a 08), em que identificamos anteprojetos com características semelhantes à casa de Afrânio, encontra-se na biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.³⁰ A publicação, cuja data não consta na edição, é de autoria do arquiteto J. W. Lindstrom e tem por objetivo divulgar anteprojetos de casas de aspecto bucólico (identificadas como *Cottages* ou *Bungalows*). Apresentando breve descritivo entre uma perspectiva do aspecto de fachadas e a planta baixa, que exhibe a distribuição dos cômodos, o autor se dispõe a fornecer o projeto executivo completo a ser enviado via postal por cerca de 40 dólares em média. Nos referimos a estes detalhes pois esse tipo de publicação e outras similares³¹ circularam por São Paulo nas décadas de 1920 e 1930³² e foram responsáveis por popularizar o *Cottage* como modalidade de arquitetura residencial modernizada sob uma forma *sui-generis* de modernidade voltada à arquitetura rudimentar campestre do passado, em contraposição aos excessos ornamentais eruditos do ecletismo e às sofisticações ondulantes do *Art Nouveau*. Sobre esses aspectos, afirmou John Ruskin em relação ao ornamento: “é aquele elemento que confere a um edifício determinadas características sublimes ou belas, mas que fora disso é desnecessário” (PEVSNER, 1980, p. 25).

²⁷ Ricardo Severo da Fonseca e Costa (1869-1940) foi engenheiro, arqueólogo e arquiteto. Formou-se engenheiro civil em 1890 e engenheiro de minas em 1891 na Academia Politécnica do Porto, em Portugal. Em 1891 emigrou ao Brasil. Trabalhou e foi sócio do escritório Ramos de Azevedo (1851-1928). Foi reconhecido na historiografia da arquitetura brasileira como precursor do chamado Neocolonial.

²⁸ Consultar também: MELLO, Joana. *Ricardo Severo: da arqueologia portuguesa à arquitetura brasileira*. São Paulo: Annablume, 2007.

²⁹ Para o período, veja também: HOBshawm, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

³⁰ O exemplar pode ser consultado na íntegra no seguinte endereço:

<https://archive.org/details/JWLindstromCottagesandsemibungalow0001/page/n57>

³¹ Como por exemplo, Home Plans by Curtis, 1926. Curtis Companies, entre outras. Disponível em: <<https://archive.org/details/CurtisCoHomePlans0001>> Consulta em 28 out. 2018. Outras dezenas dessa modalidade popular de publicações (provavelmente vendidas em bancas de jornais) ver Pinterest:

<https://br.pinterest.com/pin/369928556864203135/> Acervo: Association for Preservation Technology (APT) - Building Technology Heritage Library.

³² A referida publicação deve ser do início da década, pois encontramos publicação semelhante datada de 1938. LINDSTROM, J. W.. *Bungalows, Cottages and Semi-Bungalows, Two Story Homes*. Minneapolis, 1938. Disponível em: <<https://www.smithsbookshop.co.nz/bookshop/610211514.php>> Consulta em 28 out. 2018.

Manuscrito aceito

No Brasil, não por acaso, essa modalidade de modernismo baseada na tradição foi uma contribuição do chamado Movimento Neocolonial, conforme palavras de Ricardo Severo:

"Não procurem ver, meus senhores, nesta veneração tradicionalista, diluída em nostálgica poesia do passado, uma manifestação de saudosismo romântico e retrógrado. Com efeito, para criar uma arte que seja nossa e de nosso tempo cumprirá, qualquer que seja a orientação, que não se pesquisem motivos, origens, fontes de inspiração para muito longe de nós próprios, do meio em que decorreu o nosso passado e no qual terá que prosseguir o nosso futuro"³³

Ou seja, o Movimento Neocolonial tentou propor novas bases para a modernização da arquitetura no Brasil e trouxe com ele outras proposições de cunho nacionalista como, por exemplo, o chamado estilo *Missiones*, particularmente disseminado na América Latina e nos estados hispânicos ao sul dos Estados Unidos. Ao norte da América, o *Cottage* irá preencher esse ideal romântico anglo-saxão.

Contudo, apesar da compostura ornamental, não se pode qualificar esta moradia projetada por Álvaro como eclética por apresentar detalhes *Art Déco* e outros ainda de resiliência Neoclássica. A ausência de simetria, conscientemente provocada, como na fachada frontal (a entrada principal pode ser considerada como pertencente à lateral) é uma das características que a inclui numa postura hodierna, pois abandona a inflexão característica dos projetos acadêmicos à linhagem "Escola de Belas Artes". É perceptível a composição em planta baixa ausente de eixos de simetria e que favorecem o jogo de panos de telhado em diversas águas e em distintos níveis. Essa disposição a coloca em contraposição a exemplares neoclássicos ou mesmo neocoloniais, como seu contemporâneo novo prédio da Academia de Direito do Largo de São Francisco (1934-1944), projeto de Ricardo Severo.

Por outro lado, a ampla e confortável residência em que se alojou Afrânio e família tem aspecto imponente e austero, como convinha ao diretor de um instituto de pesquisa científica, cuja estética deixa transparecer que idealizava algo semelhante às instituições de ensino e pesquisa norte-americanas com que havia tomado contato em anos anteriores. Pode-se afirmar, pelo resultado, que a residência de Afrânio é obra feita com perícia e esmero, composta de refinados e discretos detalhes em bossagem, madeiras (escadaria e assoalhos) e mármore nas soleiras. Destacam-se os caprichosos trabalhos em diferentes tonalidades de madeira dos assoalhos das áreas sociais e a enorme "estrela" que compõe o piso da outrora sala de jantar.

Embora tenha sido planejada com a aparência de um semi-rústico *Cottage*, como comentamos acima, nela encontramos pormenores em *art déco*, como o artístico vitral do patamar da escadaria, as ferragens das portas em latão e os perfis das vergas das passagens entre os halls junto à entrada e entre as antigas salas de estar.

³³ Ricardo Severo: conferência 'A Arte Tradicional no Brasil' (1914). In: Verbete "Neocolonial" – Enciclopédia Itaú Cultural. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3809/neocolonial>> Consulta em 30 out. 2018.

Manuscrito aceito

Por fim, para que se tenha noção da capacidade e competências do engenheiro Mauro Álvaro de Souza Camargo, adiante há uma resenha biográfica em que se delineia seu perfil profissional.

A CASA E O CASO: UM “LUXUOSO PALACETE”?

Como mencionamos acima, em 1936, na Assembleia Legislativa de São Paulo, Adhemar de Barros fez pesadas críticas a Afrânio do Amaral enquanto diretor do Instituto Butantã. O deputado acusava-o de injúria e calúnia, apropriação indébita, prepotência e abuso de autoridade, peculato e negligência funcional. As denúncias deram origem a um inquérito, parcialmente aceito pelo procurador do Estado. A questão ficou conhecida como “O caso do Instituto Butantan”. No curso do processo, Afrânio foi afastado. Porém, ao final, foi reempossado, o que deixou Adhemar muito insatisfeito com o seu desfecho.³⁴ Segundo o entendimento de HAYASHI (2005, p. 10), houve clara intenção política por detrás das denúncias:

“A não comprovação da maioria das acusações contra Afrânio do Amaral indicava que o caso foi gerado por divergências entre o diretor e seus desafetos e que essas divergências foram utilizadas politicamente. No caso do deputado perrepista, havia suspeitas de que seus discursos eram preparados por altos funcionários do Butantã e por médicos. [...] Considero que o episódio contribuiu para que Adhemar de Barros, então desconhecido, obtivesse projeção política.”

Uma das supostas irregularidades apontadas por Adhemar referia-se à construção da residência em questão que, segundo ele, tratava-se de um palacete construído com “excessivo luxo” (SÃO PAULO, 1936, p. 34). De fato, a residência era espaçosa e revelava nível acima das demais residências de funcionários do estabelecimento. Contudo, apesar de contar com equipamentos e conforto superior ao referencial regular institucional, a moradia do diretor não poderia ser comparada aos padrões de luxo e ostentação dos palacetes paulistanos. Sobrado de muitos cômodos medindo cerca de 400 m² de área, não possui e jamais possuiu o requintado acabamento comparável aos palacetes da alta burguesia paulistana a que tange a obra referencial da professora Maria Cecília Naclério Homem (2010) sobre os palacetes erguidos em São Paulo na virada do século 20.

Marco de status do mais alto extrato das camadas sociais paulistanas, o palacete foi seu paradigma de moradia no período que envolve a virada do século 19 ao seguinte. Seus proprietários, oriundos da classe dominante enriquecida, eram grandes cafeicultores, comissários na intermediação de altos negócios do café, banqueiros, investidores em loteamento de terras e de construção civil, pioneiros da indústria, além de grandes empresários e comerciantes em geral. Esse tipo de residência surgiu quando a cidade

³⁴ De acordo com IBAÑEZ et al (2005, p. 131), “O ‘Caso Butantan’, como foi chamado, marca a crise política administrativa no Instituto. Esse episódio desencadeia uma série de conflitos internos com repercussão política, ...questionando a probidade administrativa do diretor Afrânio de Amaral nos gastos de verbas providas da produção de soros e vacinas. [...] Esses conflitos gerados no interior do Instituto, no fundo partem de questões mais amplas de definição do papel do Estado e políticas públicas na área; quanto ao papel do setor privado em relação à produção de fármacos e imunobiológicos, além, evidentemente, de questões corporativas internas do Instituto” (grifo nosso).

Manuscrito aceito

iniciou seu processo de metropolização e que atraiu grupos de pessoas preponderantes na economia provenientes do interior do Estado, dispostos a instalarem-se na capital devido às facilidades que o transporte ferroviário proporcionou. Estes grupos instalaram-se em elegantes bairros da capital recém-abertos, tais como Campos Elísios, Higienópolis, Luz, Liberdade, Santa Cecília e a Avenida Paulista – que atraiu a elite proveniente do capital industrial (HOMEM, 2010). Os palacetes eram mansões geralmente em estilos revivalistas da tradição eclética predominante até a segunda metade da década de 20, quando começaram a dividir preferências com estilos mais modernizantes como o *Art Nouveau*. De acordo com a análise de ALVES e RIGHI (2015, p. 130) calcados nos estudos de HOMEM (2010), palacetes eram construções:

“[...] de telhados recortados ao estilo europeu da época, e com ambientes bem decorados e pés-direitos altos. Eram casas luxuosas e imponentes, simbolizando, de forma bem explícita na arquitetura, a riqueza e o poder econômico do proprietário.”

Assim, não se pode classificar a “Casa de Afrânio” de luxuoso palacete, mas de ampla habitação assobradada derivada das novidades em termos de moradia em São Paulo, introduzidas pelos modelos de palacetes construídos pela elite, da qual descendia sua esposa Lúcia de Assumpção.

MAURO ÁLVARO DE SOUZA CAMARGO

Mauro Álvaro nasceu em Campinas, São Paulo (1874-1941). Filho de tradicional família de próceres da política campineira, veio estudar na capital paulista, onde ingressou na Escola Politécnica de São Paulo em 1895. Nela formou-se contador (1895) e engenheiro-geógrafo (1897). Em 1900 diplomou-se como engenheiro-arquiteto, sendo o segundo aluno daquela faculdade a obter essa graduação.

Em 1902 ocupou o cargo de engenheiro sanitário do governo Estado de São Paulo e chegou a ser responsável pela direção das comissões do Serviço Sanitário da Secretaria do Estado no Interior paulista. Em 1910, ano em que projetou o prédio que abriga a atual biblioteca do Butantan, era chefe da Seção de Engenharia Sanitária no mesmo serviço público, cargo que ocupou até o final daquela década.

A partir do início dos anos de 1910 projetou e conduziu diversas construções no Instituto Butantan. Seus trabalhos inspiraram-se nas concepções *Sezession*, vertente vienense do *Art Nouveau*, influenciado pelo seu mestre na Politécnica de São Paulo, Victor Dubugras (REIS FILHO, 2005, p. 57), e pelo profissional, que a nosso julgamento admirava, o arquiteto de origem sueca Carlos Ekman.³⁵ Contudo, como profissional de seu tempo, Álvaro não se prendeu a estilos e, como se pode verificar na obra em questão, projetou-a com base nas residências campestres de origem inglesa, o *Cottage*. Assim conformou-se a casa de Afrânio do Amaral.

Entre os anos de 1910 e 1912, além de participar da comissão julgadora do concurso para projeto da Penitenciária de São Paulo e da fundação da Sociedade dos Arquitetos de São

³⁵ Curiosamente, a Vila Penteado é um dos últimos remanescentes dos palacetes no estilo *Art Nouveau* em São Paulo. O prédio, situado no bairro de Higienópolis, foi projetado por Carlos Ekman.

Manuscrito aceito

Paulo - órgão de curta existência -, Álvaro dedicou-se à elaboração de projetos de arquitetura. Estes foram publicados na Revista de Engenharia (1911-1912): o "Instituto Serumtherapico de São Paulo' no Butantã (imagem 20), uma Maternidade em Campinas e o Desinfectório de Santos. Em 1929 participou da comissão julgadora do concurso para o projeto do Palácio do Congresso do Estado de São Paulo. No ano seguinte, publicou livro sobre arquitetura hospitalar ("Hospitais". São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1930). Aposentou-se como diretor do Serviço Sanitário Paulista em 1940. Faleceu em julho do ano seguinte em São Paulo.

CONCLUSÃO

Um de nossos objetivos foi evidenciar os aspectos plásticos da edificação agora ocupada pela Diretoria Técnica do Instituto Butantan e, particularmente, revelar as fontes de seus atributos estéticos que chamam a atenção, mas que são pouco compreendidos pelo público visitante, em geral.

Aqui, sem perder de vista os conceitos fundamentais, tentamos mostrar concisamente o amplo espectro do exercício da atividade em arquitetura em São Paulo no início dos anos de 1930 – momento em que se projetou e construiu a residência do diretor do Instituto Butantan e em que tomou posse da diretoria o médico e destacado cientista Afrânio do Amaral. Procuramos indicar as diferentes expressões arquitetônicas que nortearam o seu projeto e obra. As impressões de viagem de Afrânio em contato com a arquitetura das edificações das universidades norte-americanas, aliadas ao contexto artístico de época, cuja tectônica buscava inspiração nos aspectos pitorescos do período colonial pan-americano, ao mesmo tempo em que se desenvolviam arquiteturas protomodernas como o *art déco* - quase hegemônico naquela década -, foram determinantes na escolha do partido a ser adotado. Isso tudo burilado pelo experiente arquiteto Mauro Álvaro, profissional que já realizara anteriormente paradigmáticas obras do acervo patrimonial do Butantan. Álvaro, em toda sua trajetória, buscou desvincular-se dos padrões estéticos do classicismo, filiando-se à tendência de vanguarda (*Art Nouveau*) e, no caso em questão, às tendências protomodernas como o neocolonial (como o fez seu professor, Victor Dubugras) e o *art déco*.

Vimos também, que aspectos políticos partidários e institucionais também interferiram na opção de erguer nova moradia, bem como a eleição de aspectos plásticos que desvinculassem sua gestão das anteriores, especialmente a marcante presença científica e institucional do vulto de Vital Brazil. Ademais, o perfil elitista familiar de sua esposa, que possibilitou a Afrânio o ingresso no grupo social privilegiado e dominante da sociedade paulista, também contribuiu tanto para lhe respaldar o cargo, bem como optar por erguer destacada moradia no suburbano Instituto Butantan.

Ao deixar o cargo em 1938, Afrânio havia construído um considerável legado intelectual cujo testemunho de seus projetos de instituição científica materializou-se na construção de

Manuscrito aceito

sua residência no Butantan, que também serviu de guarida ao Museu (1956 – 1966) e sede do Hospital entre 1938 e 1954. Recentemente, familiares descendentes do casal Afrânio e Lúcia, netos e bisnetos visitaram a casa, oportunidade em que a filha Alda Assumpção Amaral de Andrade pôde lembrar de tempos de infância em que lá residiu. Todos participaram de cerimônia oficial que oficializou ao prédio o nome do renomado herpetólogo.

A Casa de Afrânio, que neste momento é objeto de justa homenagem ao seu promotor por feitos nas áreas administrativas, médicas e científicas, de fato é uma singela preciosidade do acervo do patrimônio construído do Instituto Butantan. Seus atributos históricos e artísticos lhe conferem mérito mais que suficiente para receber cuidados de conservação e preservação à posteridade como marco do esforço coletivo da instituição em busca de saberes a serem utilizados no trato da saúde pública brasileira.

Referências

ABREU Alzira Alves (org.). **Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001.

ALMEIDA, Adriana Mortara. **A relação do público com o Museu do Instituto Butantan: Análise da exposição Na Natureza Não Existem Vilões**. 1995. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

ALVES, Rogério N. Ferreira; RIGHI, Roberto. **O programa funcional dos palacetes paulistanos no final do século XIX**. **ARQ.URB**, n. 13, 2015. Disponível em: www.usjt.br/arq.urb/numero-13/7-rogerio-novakoski.pdf . Acesso em 21 out. 2018.

AMARAL, Afrânio do. **Documentação Geral sobre o Instituto Butantan: extrato do relatório apresentado, em maio de 1928, ao governo paulista, sobre a situação do Instituto Butantan pelo Dr. Afrânio do Amaral**. São Paulo, 1928, mimeo.

Cinco anos de reorganização do Instituto Butantan – à luz do seu 32º Relatório Anual. São Paulo: Instituto Butantan, 1933.

Serpentes em Crise: À Luz de uma legítima defesa no “Caso do Butantan”. São Paulo: E. G. Revista dos tribunais, 1941.

AMARAL, Afrânio do. Depoimento 1977. Rio de Janeiro, FGV/CPDOC – História Oral, 1985. (História da Ciência – Convênio FINEP/CPDOC) Revisão autorizada em outubro de 1984. Entrevistadores Tjerk Frnaken e Maria Clara Mariani.

AMARAL, Aracy (org). **Arquitetura neocolonial: América Latina, Caribe, Estados Unidos**. São Paulo: Memorial da América Latina; México: Fondo de Cultura Económica, 1994.

BANHAM, Reyner. **Teoria e projeto na primeira era da máquina**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

Manuscrito aceito

BROTERO, Frederico de Barros. **Descendência dos Barões de Souza Queiroz**. Revista IHGSP, v. 57, p. 441-484, 1958. Disponível em: <http://ihgsp.org.br/wp-content/uploads/2018/05/Revista-IHGSP-vol.-57-p%C3%A1g-441-484-descend%C3%Aancia-dos-Bar%C3%B5es-de-Souza-Queiroz-Frederico-de-Barros-Brotero.pdf>. Acesso em: 22 de jul. 2018.

CALLEFFO, Myriam Elizabeth Velloso; FERNANDES, Suzana Cesar Gouveia. Bastidores da pesquisa sobre as cartas de Afrânio do Amaral na casa de Paulo Vanzolini. **Cad. hist. ciênc.**, São Paulo, v. 9, n. 1, jun. 2013. Disponível em: http://periodicos.ses.sp.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-76342013000100001&lng=pt&nrm=iso . Acesso em 15 jan. 2018.

CAMPOS, Eudes. Os Pais de Barros e a Imperial Cidade de São Paulo. **Informativo Arquivo Histórico Municipal. PMSP/SMC/DPH**. São Paulo, janeiro/fevereiro de 2008. Ano 3 N.16. Disponível em: <http://www.arquiamigos.org.br/info/info16/i-estudos.htm>. Acesso em 18 out. 2018.

FABRIS, Annateresa (org.). **O Ecletismo na Arquitetura Brasileira**. São Paulo: Nobel; EDUSP, 1987.

FERNANDES, Suzana Cesar Gouveia. **O Instituto Butantan de 1928 a 47: estratégias científicas e a busca de um modelo institucional para a saúde**. 2011. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

FICHER, Sylvia. **Os arquitetos da poli: Ensino e profissão em São Paulo**. São Paulo: Fapesp; Edusp, 2005.

FORTUNA, Cristina Maria Mascarenhas. **Memórias Históricas da Faculdade de Medicina da Bahia: Relativas aos anos de 1916 a 1923**. Salvador: UFBA, 2010.

Memórias Históricas da Faculdade de Medicina da Bahia: 1925 – 1941. Vol. II (1925 – 1930). Salvador: UFBA, 2011.

HAYASHI, Marli Guimarães. Adhemar de Barros no Parlamento Paulista. **Acervo Histórico**, p. 2 - 11, 2005. Disponível em: www.al.sp.gov.br/repositorio/bibliotecaDigital/536_arquivo.pdf . Acesso em 21 de outubro de 2018.

IBANEZ, Nelson; WEN, Fan Hui; FERNANDES, Suzana C. G. Instituto Butantan: história institucional. Desenho metodológico para uma periodização preliminar. **Cad. hist. ciênc.**, v. 1, n. 1, 2005. Disponível em http://periodicos.ses.sp.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-76342005000100011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 21 out. 2018.

HOBSBAWM, Eric J. **Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

A Era dos Impérios: 1875-1914. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1995.

HOMEM, Maria Cecília Naclério. **O Palacete Paulistano: e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

Manuscrito aceito

IBANEZ, Nelson et al. De Instituto Soroterápico a Centro de Medicina Experimental: institucionalização do Butantan no período de 1920 a 1940. **Cad. hist. ciênc.**, São Paulo, v. 2, n. 1, 2006. Disponível em:

<http://periodicos.ses.sp.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-76342006000100004&lng=pt&nrm=iso> Acesso em 04 jan. 2018.

JHONSON, Alan. **How to restore and improve your Victorian House**. London: David & Charles, 1991.

LEFÈVRE, José Eduardo de Assis. **De beco a avenida: A história da rua São Luiz**. São Paulo: Edusp, 2006

LEMOS, Carlos A. C. **Alvenaria burguesa**. São Paulo, Nobel, 1985.

LLOYD, Reginald (org.). **Impressões do Brazil no Seculo Vinte**. Londres: Lloyd's Greater Britain Publishing Company, Ltd., 1913.

MELLO, Joana. **Ricardo Severo: da arqueologia portuguesa à arquitetura brasileira**. São Paulo: Annablume, 2007.

MENEGUELLO, Cristina. **Da ruína ao edifício: neogótico, reinterpretação e preservação do passado na Inglaterra vitoriana**. 2000. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, Campinas, 2000.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Victor Dubugras: Precursor da Arquitetura Moderna na América Latina**. São Paulo: Via das Artes, 2005.

.PACHECO, Maria Theresa de Medeiros. A Medicina Legal na Bahia. Início e evolução do ensino. **Gaz. Méd. da Bahia**, v. 77, n. 2, p. 139-157, Jul-Dez 2007.

PEVSNER, Nikolaus. **Os pioneiros do desenho moderno: de William Morris a Walter Gropius**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

PINHEIRO, Maria Lúcia Bressan. **Neocolonial, Modernismo e Preservação do Patrimônio no Debate Cultural dos Anos 1920 no Brasil**. São Paulo: EDUSP; FAPESP, 2011.

SÃO PAULO (ESTADO). **O Caso do Instituto Butantan**. São Paulo: Assembléia Legislativa do Estado de S. Paulo, 1936.

Manuscrito aceito



Imagem 01. Vital Brazil, esposa e filhos na entrada principal do futuro Pavilhão Lemos Monteiro, 1925. Naquela oportunidade o prédio servia de residência ao diretor do Instituto Butantan e tinha por complemento uma quadra de tênis, ao lado. Foto: Carlos Rofolpo Fischer. Acervo Instituto Butantan/Núcleo de Documentação.

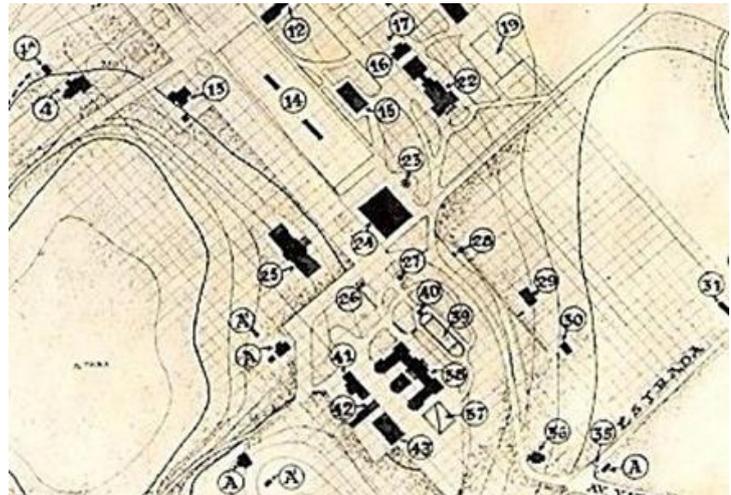
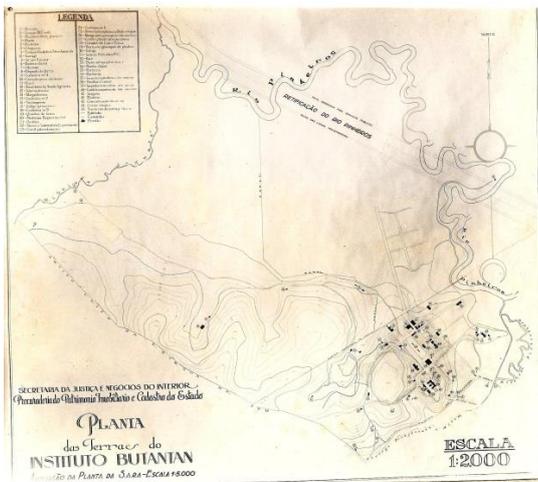


Imagem 02 e 03. Planta das Terras do Butantan, c. 1930. No detalhe, à direita, mancha negra identificada com número 22 é o Pavilhão Lemos Monteiro e a área cujo perímetro registra o número 19 é a quadra de tênis. A mancha de número 4 é a Residência de Afrânio e família. O ponto mais escuro ao lado, à esquerda e acima, é projeção da garagem do seu automóvel. Desenho: Procuradoria do Patrimônio Imobiliário e Cadastro do Estado – Secretaria da Justiça e Negócios do Interior do Estado de São Paulo. Fonte: site Peaberu. Disponível em: <http://www.fontedopeabiru.com.br/wp-content/uploads/2012/02/D-Planta-ant.-estr-Ytu.jpg> > Consulta em 15 de setembro de 2018.

Manuscrito aceito



Imagem 04

Afrânio do Amaral, 1937. Foto: autor desconhecido. Fonte: Geni – A MyHeritage Company



Imagem 05

Residência Afrânio do Amaral, 2018. Foto: Sergio De Simone. Acervo do Laboratório Especial de História da Ciência – Instituto Butantan



Imagem 06.

Exemplar de projeto de Cottage. Fonte: LINDSTRON, J. W., *Cottages and semi-bungalows* Mineápolis: Colwell Press, s/d, p. 54.

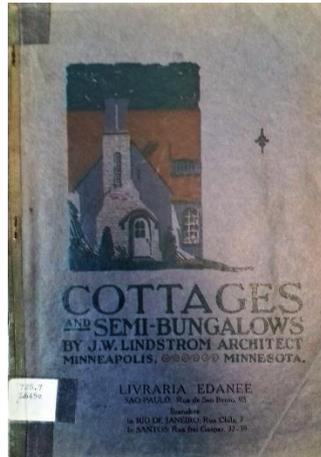


Imagem 07.

Idem, capa.

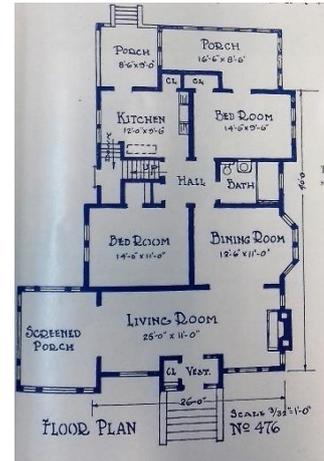


Imagem 08.

Idem, planta, P. 57.

Manuscrito aceito

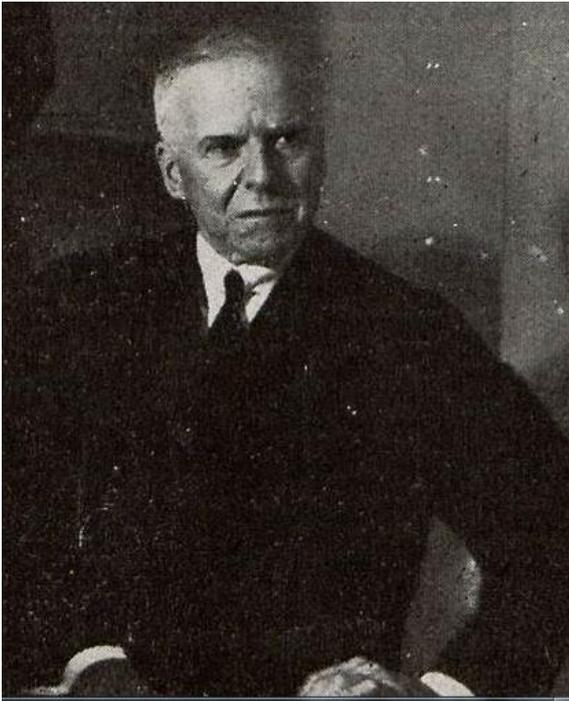


Imagem 09 - Antonio Carlos de Assunção, 1934. Revista A Cigarra, abril de 1934. Rio de Janeiro. Página 24. Acervo da Biblioteca Nacional.



Imagem 10 - Jornal do Estado (imprensa Oficial), 22 de agosto de 1933, p. 3. Acervo da Biblioteca Nacional.



Imagem 11. Aspecto da antiga Ponte de Pinheiros, 1929. Proximidades da atual Rua Butantã. Foto: Autor desconhecido.
Fonte imagem 11: http://smul.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/img/1920/enchente-ponte-pinheiros_grande.jpg
Fonte imagem 12: <https://br.pinterest.com/pin/548805904571241541/>



Imagem 12. Aspecto da Avenida Vital Brazil, 1928. À direita, entrada do Instituto Butantan. Foto: Autor desconhecido.

Manuscrito aceito



Imagem 13.

Planta da Região do Butantã, 1929. Mapa Topográfico do Município de S. Paulo - Sara Brazil – 1930. Fonte: Acervo da Prefeitura do Município de S. Paulo (PMSP)



Imagem 14.

A Red House de Willian Morris, 2014. Foto: Ethan Doyle White.

Fonte imagem 14: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/8f/Philip_Webb%27s_Red_House_in_Upton.jpg

Fonte imagem 15: <https://lh3.googleusercontent.com/D8ARkN5ur3MpcTnoQbDIQA-qpDhAhNNAWoYcA3j0YxhznSFwLZ8LUK9HEhO0m3HemACg=s137>



Imagem 15.

Aspecto de Letchworth, 1912. Primeira Cidade-Jardim, projetada por Barry Parker e Raymond Unwin. Cartão Postal.

Manuscrito aceito

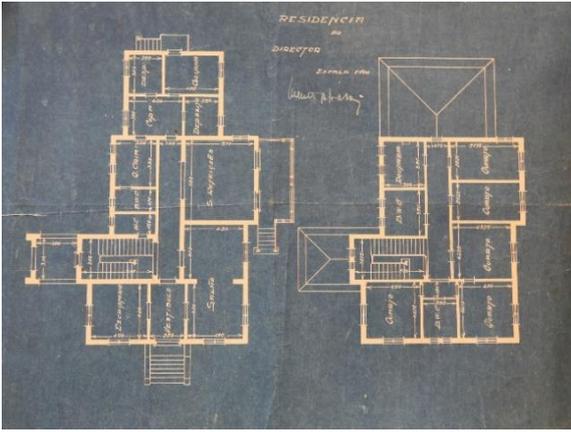


Imagem 16.
Planta do projeto de "Residência do Director", c. 1928.
Desenho/autor: Mauro Alvaro. Acervo do Instituto Butantan/Núcleo de Documentação.



Imagem 17.
Residência do diretor, c. 1930. Foto: autor desconhecido. Acervo do Instituto Butantan/Núcleo de Documentação.



Imagem 18.
Shaler Lane Housing, Universidade - Cambridge, MA.
Harvard University Housing. Conjunto construído em 1920.
Fonte: <http://huhousing.harvard.edu/>



Imagem 19.
Edifício em Everett Street, 27- Cambridge, MA
Harvard University Housing. Prédio construído em 1890.
Fonte: <http://huhousing.harvard.edu/>



Revista de Engenharia, vol. 1, n. 2, p. 50, 10/3/1911.

Imagem 20.
Projeto do Prédio Central do Instituto Butantan, 1910.
Autor: Engenheiro-arquiteto Mauro Álvaro de Souza Camargo.
Fonte: Revista de Engenharia, São Paulo, v.1,
Nº 2, p.50, 10 jul, 1911. Acervo: Escola Politécnica – USP.



Imagem 21.
Prédio da antiga "Cocheira Nova", 1919. Foto: Carlos Rodolpho Fisher. Fonte: Acervo do instituto Butantan.

Manuscrito aceito

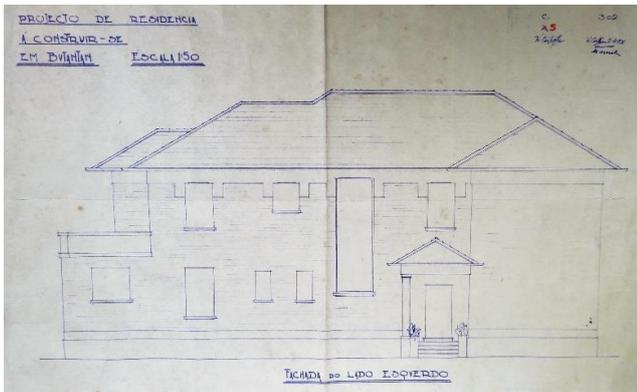


Imagem 22.
Fachada lado esquerdo da residência do diretor, 1930. Desenho:
Autor não identificado. Fonte: acervo do Instituto Butantan

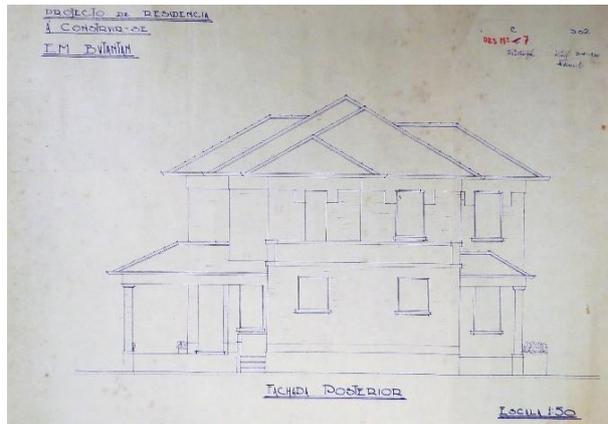


Imagem 23.
Fachada fundos da residência do diretor, 1930. Desenho:
Autor não identificado. Fonte: acervo do Instituto Butantan

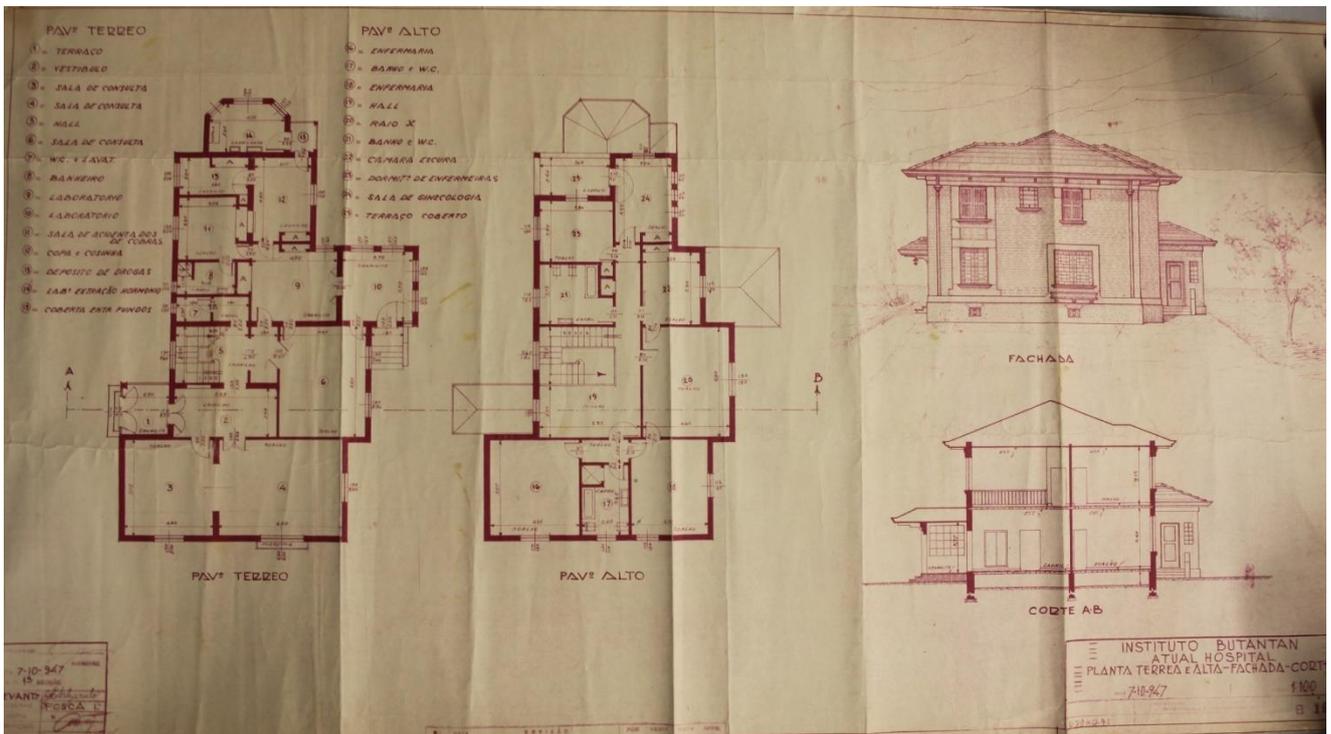


Imagem 24.
Levantamento do edifício enquanto servia de sede ao Hospital do Butantan, 1947. Instituto Butantan. Acervo do Instituto
Butantan/Núcleo de Documentação.



Imagem 25.
Aspecto da casa, s/d. Foto: Autor desconhecido.
Acervo do Instituto Butantan/Núcleo de Documentação.

Manuscrito aceito



Imagem 26.

Antiga residência do diretor, s/d. Foto: autoria desconhecida.
Acervo do Instituto Butantan/ Núcleo de Documentação



Imagem 27.

Aspecto da piscina, s/d. Foto: Autor desconhecido. Acervo do Instituto Butantan/Núcleo de Documentação.

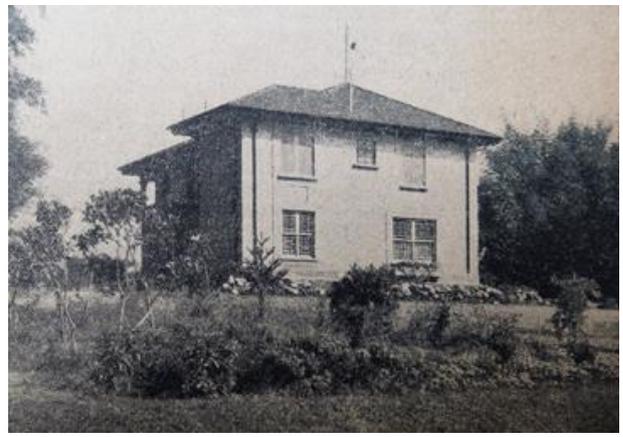


Imagem 28.

Perspectiva da fachada frontal, s/d. Foto: Autor desconhecido.
Acervo do Instituto Butantan/Núcleo de Documentação.

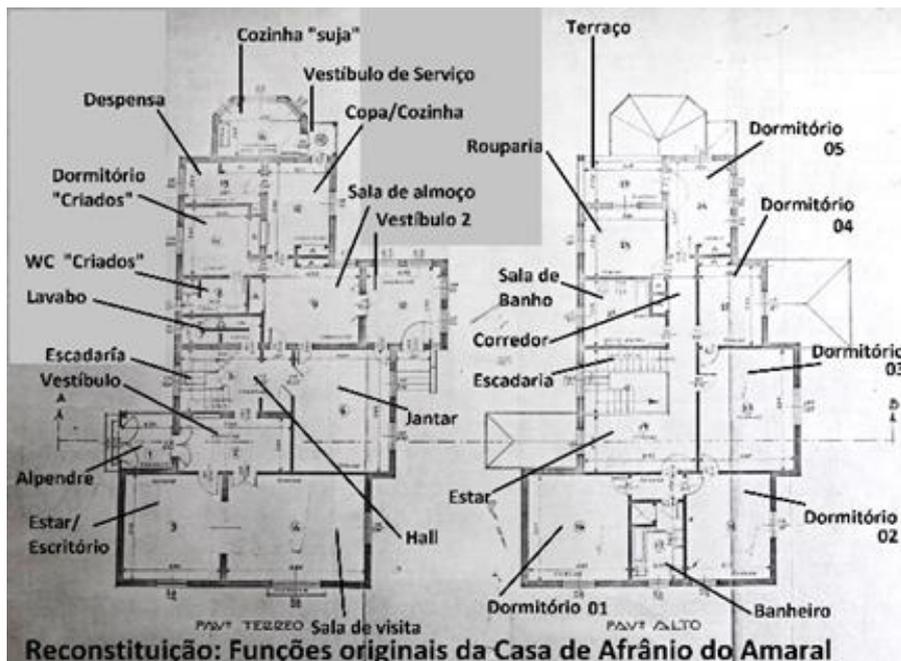


Imagem 29.

Reconstituição das funções originais dos cômodos da Casa de Afrânio, 2018. Autor: Sergio De Simone, sobre base de desenho produzido em 1947. Acervo do Instituto Butantan/Núcleo de Documentação.